

a preto e as rubricas a vermelho. Desta forma, além de a obra atingir outro nível de qualidade, facilitaria o trabalho aos investigadores.

A busca da qualidade exigia o recurso a papel para o efeito expressamente encomendado numa fábrica especializada, que não se furtaria às indispensáveis análises prévias à sua confecção. Dispensar-se-ia, assim, a primeira impressão, destinada a criar uma ilusória ideia de amarelecimento do suporte, impressão que poderia ter sido reservada para o vermelho das rubricas.

Com a utilização de papel adrede encomendado e com a necessária duplicação dos fotolitos a obra encareceria, por certo, mas ganhava em qualidade e ninguém regatearia o preço, acrescentando-lhe o mérito de impor a reconhecida capacidade gráfica da I.N.-C.M., que também tem preço.

No rápido exame que fizemos ao incunábulo, anotámos que ele abre com as seguintes palavras da primeira linha do calendário do mês de Janeiro: «*Annus habet septimanas LII et dies CCCLXV et horas VI*». Daqui concluímos que na organização do calendário, na reprodução facsimilada, houve uma grande confusão, já que os meses do ano aparecem por esta estranha ordem: Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro, Maio, Junho, Julho, Agosto, Janeiro, Fevereiro, Março e Abril.

Bem sabemos como é fácil trocar e até inverter fotolitos, na fase de montagem de obras deste género. Isso não constitui novidade nenhuma, mas exige dos responsáveis maior acompanhamento e supervisão do trabalho gráfico, mesmo quando isso não agrada ao pessoal da oficina. Para mais, não temos assim tantos incunábulo portugueses que possamos tratá-los menos bem.

Os lapsos apresentados, além de não valorizarem a obra reproduzida, podem induzir em erro os investigadores e não prestigiam a I.N.-C.M., que tem um nome a defender. Só por isso aqui os mencionámos, *a custo*, até porque temos uma relação pessoal — e porque não dizê-lo? — de gratidão com esta casa editora. Pensamos, porém, que a melhor forma de amizade é ser verdadeiro com os amigos.

José Marques

Floreto de São Francisco, reprodução fac-similada do incunábulo n.º 175 da BNL, com nota de apresentação de José Adriano de Freitas CARVALHO, Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1988, XII+246 pp.

O volume em presença, aliado a outros igualmente publicados em 1988, deve-se ao propósito que a Comissão Organizadora do *Congresso Internacional sobre Bartolomeu Dias e a sua época* consagrou ao evento. Apenas se conhecem dois exemplares desta obra, intitulada: *Este es el Floreto de Sant Francisco. El qual tracta dela vida y miraglos del bienaventurado señor Sant Francisco. E dela Regla delos frayles menores*, publicada em Sevilha em 1492. No fundo da última página, após o colofão, escreveu Fr. João da

Póvoa, então Vigário Provincial e confessor e conselheiro do Rei D. João II: «Este Floreto de São Francisco cos/tou em Lisboa CCC rs, o qual / pagou p.^a St. António de Vila Franca / Fr. João da Póvoa e elle o fez en/cadernar em Enxobregas a Fr. A. / da Ilha an.^o de 1493. Earolo/sa, molher de J. Gonçalves, escrivão dos / livros delrei, os pagou. / Fr. João da Póvoa». No começo e frontispício há mais identificações, com letras de diferentes épocas. Numa delas lê-se claramente: «De Santo António da Castanheira».

O título é significativo. *Floreto* significa realmente aqui florilégio, antologia e tem pouco a ver com as *Florinhas/Fioretti* de S. Francisco. O seu anónimo compilador, curiosamente, recorre menos às biografias oficiais da Ordem e mais às biografias espontâneas e meio clandestinas. Repare-se que o prólogo e o 1.^o capítulo deste *Floreto* reproduzem o prólogo e o 1.^o capítulo do *Anónimo de Perusa*, que estava bem longe de ser uma biografia oficial do Fundador dos Menores. O mesmo se diga do *Espelho de Perfeição*, que forma o fundo do *Floreto*, sem excluir outras fontes. Notamos, por exemplo, que o capítulo 71, complementar do anterior, não é tirado do *Espelho de Perfeição*, sim, em boa parte, das *Florinhas*, cap. 26. Lourenço Di Fonzo, Sofrónio Klasen e também, um pouco, o apresentador português do *Floreto de São Francisco* estudaram as origens deste florilégio.

Naturalmente, a selecção dos textos pretende atingir um objectivo. Estamos no fim do século XV e em Espanha. A «observância», em face dos «claustrais», sobe vigorosamente, pois, além do mais, conta com o apoio decidido dos monarcas reinantes na Península. Os promotores de tal observância manifestam o maior interesse em exumar todos os testemunhos dos primitivos ideais da Ordem, muito queridos aos «espirituais». Eles, porém, tinham muito de «movimento» e pouco de «estrutura». Não há dúvida, S. Boaventura, com o seu génio organizativo e realista, foi quem meteu, de algum modo, entre varais o ideal espiritualista primitivo mediante as Constituições Narbonenses (em 1260) e a sua *Legenda Maior* (em 1263), entre outras iniciativas. A *Legenda Maior* passou a ser a biografia oficial do Fundador, com exclusão das demais, que se mandou destruir, sem exceptuar os textos de Tomás de Celano. Pois são exactamente os textos clandestinos que o compilador do *Floreto* seleccionou.

Para aprofundar o conhecimento do movimento franciscano reformista e observante dos séculos XV e XVI, o *Floreto de São Francisco*, agora tornado acessível nesta edição fac-similada, constitui excelente ponto de partida.

H. Pinto Rema

António de GOUVEIA, *Jornada do Arcebispo*, Lisboa, 1988, 345 pp.
Publicação fotostática da edição princeps, Coimbra, 1606.

A apresentação do livro por Joaquim O. Bragança, e os traços biográficos do protagonista, tomados do estudo do Prof. Doutor P. Avelino de Jesus da Costa, *Acção Missionária e Patriótica de D. Frei Aleixo de Meneses, Arce-*